

Édipo e Gênero

Oedipus and Gender

Franklin Goldgrub¹

Resumo

Este artigo discute a concepção psicanalítica acerca do complexo de Édipo, principalmente em relação à diferenciação entre o Édipo masculino e o feminino. A referida diferenciação é questionada, bem como a universalidade dos conceitos “inveja de pênis” e “complexo de castração”. Propõe-se que o complexo de Édipo se refira à passagem da posição de objeto para a de sujeito, em virtude do processo de aquisição de linguagem, sendo independente de sexo ou gênero.

Palavras chave

Complexo de Édipo – gênero – complexo de castração – inveja do pênis

Abstract

This paper discusses the psychoanalytical conception referring to the Oedipus Complex, mainly the distinction between the boy and the girl Oedipus's. The mentioned distinction is objected, as well as the general application of the notions “penis envy” and “castration complex”. A proposal is made that the Oedipus Complex refers to the passage from the position of object to the subject position, following language acquisition, process not depending on sex or gender.

Key words

Oedipus's complex – gender – castration complex – penis envy

¹ Professor titular da Faculdade de Psicologia da PUC/SP, autor de “A Máquina do Fantasma”, “O Neurônio Tagarela” e “A Metáfora Opaca”, entre outros livros, site: www.franklingoldgrub.com

Édipo e gênero

2

A função inicial do famoso conceito batizado com o nome do mítico decifrador do enigma da esfinge foi a de descrever o processo de formação da identidade sexual e os conflitos decorrentes da ligação às figuras parentais.

Para muitos, ou talvez mesmo a maioria dos psicanalistas, permanece sendo esse o principal papel teórico do complexo de Édipo.

Em seus estudos sobre a sexualidade infantil Freud constatou que a identidade sexual não é determinada biologicamente. Apesar de algumas hesitações e dúvidas resquiciais, os “Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade” (1905) inauguram o enfoque psicológico em relação à sexualidade, uma de cujas implicações reside em que tanto a neurose como a homossexualidade comprovariam a ausência do fator orgânico (quer de natureza anatômica ou fisiológica) em relação à escolha do objeto sexual,

A primeira hipótese desenvolvida por Freud para explicar os distúrbios sexuais, conhecida como teoria do trauma/sedução, foi revogada quando se constatou a inverossimilhança dos relatos feitos pelos pacientes acerca da sua infância, sujeitos a variações consideráveis ao longo do processo terapêutico. Correspondentemente, verificou-se que abusos sexuais cometidos contra a criança não necessariamente ocasionam distúrbios neuróticos ou perversos, assim como reciprocamente tais comprometimentos da afetividade e da sexualidade podem manifestar-se no adulto sem qualquer etiologia traumática infantil.

Em decorrência da revogação da teoria do trauma e do questionamento acerca da etiologia orgânica, os fatores biológicos e ambientais foram cedendo espaço à descrição puramente psicológica. Ampliando seu campo de estudo e reflexão para além da neurose, Freud passou a focalizar a formação da identidade deixando de lado as perspectivas organicista e traumática. O passo decisivo na adoção da abordagem psicológica foi a elaboração da noção de identificação. Em sua primeira versão, a identificação é definida como processo de assemelhar-se a modelos adultos, a partir dos quais a criança, dotada de uma constituição indiferenciada² que Freud considera responsável pela disposição bi-sexual, construiria tanto a própria auto-imagem de gênero como as características do objeto a ser desejado.

A primeira versão do complexo de Édipo articula-se com essa definição inicial de identificação e supõe que a construção do desejo sexual constitui um decalque do padrão com que a criança se depara. Em conseqüência, Freud privilegia a modalidade heterossexual com base na idéia de que a presença do casal parental guiaria

² Cujos determinantes suscitam a pergunta habitual: psicológicos ou orgânicos?

inevitavelmente a criança nessa direção. O progenitor do sexo oposto, definido como objeto proibido, determinaria não obstante as características do futuro parceiro amoroso, substituto da figura materna ou paterna.

3

Em função da definição de identificação acima descrita, não haveria como pensar a homossexualidade a partir da situação edipiana.

Quando o complexo de Édipo passa a responder pela formação do desejo heterossexual, incluindo a escolha de objeto e os conflitos inerentes, as noções de fixação e regressão, elaboradas para explicar a permanência de comportamentos decorrentes das fases oral e anal enquanto condicionamento orgânico/afetivo, caem a segundo plano. Mesmo assim, e diferentemente do que acontecera com a teoria do trauma/sedução, mantêm-se vigentes.

A articulação da temática relativa à relação com o objeto, questão central na perspectiva aberta pela fase fálica³, com as noções anteriores de fixação e regressão⁴, envolve uma discussão que os teóricos da psicanálise não efetuaram. Estabeleceu-se assim uma lacuna importante no âmbito da teoria psicanalítica.

As conceituações iniciais do Édipo consideravam a possibilidade de sua “dissolução”, suposição que Freud substituirá pela noção de permanência. Segundo as primeiras versões, a não dissolução do Édipo implicaria em comportamentos neuróticos e perversos, que configurariam algo da ordem da patologia, em contraposição à superação da problemática infantil, vista como pré-condição para a “normalidade”.

As fixações e correspondentes regressões às fases oral e anal não têm correspondência com a concepção final do Édipo, que se transformou na teoria psicanalítica da personalidade. Pode-se dizer que a noção de fixação corresponde à teoria do desenvolvimento da libido, enquanto o Édipo, apesar de situado numa das “fases”, inaugura outra teoria, a da constituição do sujeito.

Essa oposição também pode ser referida pelo contraste entre as noções de causa e experiência, de um lado, e atemporalidade e permanência, de outro.

No âmbito da teoria do desenvolvimento da libido, a oralidade, expressa preferencialmente pelas significações vinculadas à alimentação, sexo oral, tabagismo, alcoolismo, toxicomania (mesmo se através de aspiração ou uso de seringas⁵), bem

³ A fase fálica, diferentemente das anteriores, não poderia ser caracterizada pelo auto-erotismo e a perversidade polimorfa.

⁴ As noções de “objeto parcial e objeto total” referem de alguma maneira a passagem do auto-erotismo para a relação de objeto, mas tampouco a explicam; na teoria kleiniana, são referidas à transição entre as posições esquizo-paranóide e depressiva.

⁵ Metáforas de “ingestão”.

como a anialidade, referenciada à relação com a autoridade e a certos “traços de caráter” (avareza, ordem e limpeza), permaneceram ligadas às noções de fixação e regressão.

4

No âmbito da primeira versão do Édipo, a rivalidade com o progenitor do mesmo sexo derivaria da identificação e teria por implicação a busca do objeto heterossexual na puberdade. A neurose corresponderia à dificuldade de abandonar a primeira escolha objetal, feita na vivência familiar, e inviabilizaria ou prejudicaria, conforme o grau de sua incidência, a vida afetiva. A perversão, por sua vez, ao contrário da neurose, não impediria o vínculo amoroso mas lhe conferiria um caráter eminentemente conflitivo, visto a permanência do padrão infantil de relacionamento.

A conceituação da fase fálica decorre fundamentalmente da reflexão sobre o imaginário infantil, propiciada pela análise do pequeno Hans. Freud depara com um universo ficcional insuspeitado, que batiza com as expressões “fantasias originárias”⁶ e “teorias sexuais infantis”⁷, às quais o sonho do Homem dos Lobos acrescenta a cena primária. A emergência do imaginário infantil não impacta a teoria imediatamente; dezoito anos separam a primeira abordagem do tema (“As teorias sexuais infantis”, 1908), da formulação da fase fálica (“A organização genital infantil”, 1923). Tem-se a impressão que Freud, prudentemente, submete o material clínico a um crivo rigoroso, antes de conceder ao fantasmagórico universo da criança o estatuto da universalidade.

No ano seguinte, a fase fálica é relacionada ao Édipo, passando a sediar o jogo de seduções e rivalidades que marca a transformação do auto-erotismo em relação objetal e a perversidade polimorfa em primazia ... não da região genital mas do falo. “*Algumas conseqüências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos*” e “*A dissolução do complexo de Édipo*” revogam a simetria entre as vivências afetivas da menina e do menino, substituindo-as por uma descrição em que o órgão masculino passa a ser valorizado enquanto o feminino permaneceria desconhecido — representado pela idéia de falta, de deficiência.

Os conceitos ‘complexo de castração’ e ‘inveja do pênis’ são extraídos das fantasias de Hans e da experiência clínica⁸. Doravante, as recordações infantis não são mais pensadas enquanto derivação da experiência (vivência) familiar, mas como conseqüência das expectativas afetivas infantis, centradas na rejeição de tudo o que obstaculiza o acesso ao amor incondicional.

Na nova versão do Édipo, esse “tudo o que” é remetido por Freud à figura paterna, tanto para o menino como para a menina. Se face ao menino o pai se

⁶ Sedução e castração.

⁷ Nascimento cloacal, coito sádico, universalidade fálica.

⁸ Aqui se coloca a questão da metodologia, seu grau de isenção e seu grau de influenciabilidade em relação à teoria professada por Freud.

apresenta como rival temido, para a menina trata-se do alvo que se subtrai a seu desejo, decepcionando-a. Em decorrência, o “superego” feminino não exibiria as características severas e ameaçadoras necessárias ao controle do desejo pela mãe (caso do menino); à mulher, herdeira da menina para quem a proibição não teria adquirido peso semelhante, seria outorgado o direito de seduzir a autoridade (cabendo a seu representante resistir ou ceder...). Diferentemente, a relação do homem com a norma, a regra, o limite, seria pautada pela alternativa rebeldia e/ou submissão.

Freud aproxima-se assim de uma teoria do desejo não tributária de fatores ambientais ou determinantes orgânicos. Entretanto, ainda refere as fantasias (“conseqüências psíquicas”) a algo de natureza biológica (“diferenças anatômicas”), priorizando a causa em relação ao sentido. A psicanálise permanece fraturada entre a metodologia interpretativa e a teoria presa à problemática etiológica. No terreno teórico, a “realidade material” mantém-se hegemônica. A linguagem, “sede” do sentido, ou seja, da “realidade psíquica”, exerce sua soberania incontestada no consultório e simultaneamente ocupa um papel meramente secundário em terreno teórico-epistemológico.

A atribuição do agenciamento da interdição à figura do pai, tanto para o menino como para a menina, constitui a marca distintiva de “*Algumas conseqüências...*” e “*Feminilidade*”. O primeiro texto supõe que a menina ingressaria no Édipo ao aceitar a diferença anatômica, que a privaria da possibilidade de reivindicar o amor materno. Tratar-se-ia de uma atitude tão inevitável quanto a constatação da sua “inferioridade genital”.

Em “Feminilidade”, essa perspectiva muda radicalmente. A produção teórica das primeiras psicanalistas, centrada em grande medida nas expectativas transferenciais expressas por pacientes de sexo feminino, é utilizada como principal material clínico a ser teorizado. Por essa via vêm à tona a forte ligação da menina com a mãe, que Freud interpreta como “pré-edipiana” — expressão denotativa da pregnância adquirida pelo modelo heterossexual. De fato, Freud mantém-se fiel ao postulado de que o Édipo se define pela ligação preferencial com o progenitor do sexo oposto.

Mas, simultaneamente à permanência do modelo heterossexual enquanto arcabouço da situação edipiana, a constatação da intensidade do vínculo com a figura materna abre caminho para que a situação edipiana se afigure igualmente como explicação da homossexualidade feminina, concebida pelo ângulo restrito da “reivindicação fálica”. No que se refere à neurose também ocorre uma modificação ou um acréscimo — a frigidez passa a ser interpretada como recusa da “inferioridade genital”, que a relação sexual exacerbaria.

Aqui, a noção de identificação é eclipsada pela fantasia da primazia do falo, embora a reivindicação do órgão masculino indique, em última instância, uma tendência a assemelhar-se com a figura paterna.

Em “Algumas conseqüências...” Freud havia introduzido a hipótese de que o Édipo feminino teria início a partir da mesma situação que promoveria a “dissolução” do masculino, isto é, a constatação da inexistência do pênis feminino (denominada “castração” em virtude da crença infantil segundo a qual os adultos — tanto homens como mulheres — seriam indiferenciados porque igualmente dotados de pênis).

Se a descoberta da “castração feminina” seria a causa da credibilidade conferida às reprimendas devidas à manipulação do pênis, obrigando o menino a renunciar à figura materna, a menina, por sua vez, após aceitar a “castração” como castigo já efetivado e enquanto característica da sua condição feminina, mudaria de objeto e de região erótica (substituindo o clitóris pela vagina).

Em decorrência, ela se dirigiria ao pai que, negando-se à filha, em compensação lhe ofereceria o modelo do homem de quem ela receberia o bebê fálico, indenização pela ausência do pênis.

A ‘fase pré-edipiana’ na menina se caracterizaria pelo forte apego à mãe, de quem a separação, diferentemente do que fora conjecturado, será particularmente difícil. A noção de “inveja do pênis” (Penisneid), formulada já em 1908, torna-se agora a característica central do Édipo feminino, da qual derivariam três possibilidades: a frigidez (neurose), a homossexualidade e a heterossexualidade, esta última tendo por implicação a maternidade, cuja significação psicológica residiria na substituição do pênis pelo bebê.

A primazia do falo torna-se então a referência central da concepção freudiana acerca do Édipo. E é justamente a referência fálica que dá ao Édipo a sua característica atemporal, ou seja, estrutural, e portanto sua permanência vitalícia. A nova descrição do Édipo colide com os conceitos de fixação e regressão, que supõem as noções de tempo e experiência.

Tem-se a impressão que se de início a fantasia fálica é referida ao imaginário infantil que a formação do superego revogaria, na seqüência ela se apropria da teoria e promove um enfoque hierarquizado da relação feminino/masculino.

Em “Feminilidade” o leitor depara com as conseqüências dessa contaminação da teoria pela fantasia. Os últimos parágrafos parecem ter sido escritos sob o efeito da mesma crença que o autor está examinando. A partir da “inveja do pênis” é elaborada uma descrição da mulher centrada na desvalorização da vagina, descrita através da condição de “inferioridade genital”. Essa situação deficitária se expressaria pela rigidez de caráter, falta de senso de justiça e menor capacidade de sublimação, em parte compensados através dos filhos homens, única alternativa capaz de propiciar a realização pessoal, no “menos ambivalente” dos relacionamentos de que o ser humano seria capaz.

Algumas atenuações posteriores não retiram o caráter inegavelmente preconceituoso dessas postulações. Independentemente das críticas que lhes sejam

dirigidas a partir de considerações éticas, trata-se de saber qual seria a plausibilidade dos argumentos em que Freud pretendeu alicerçá-las.

7 Uma das primeiras objeções a serem formuladas relaciona-se à questão da homossexualidade masculina. Freud já havia comentado nos “*Três Ensaios ...*” que possivelmente a persistência do horror do menino à castração explicaria a repulsa à vagina. Uma forma de homossexualidade masculina poderia ser abordada mediante esse raciocínio — aquela em que a identidade permanece caracterizada pela masculinidade enquanto o objeto sexual do sexo oposto seria substituído pelo do mesmo sexo.

A explicação da homossexualidade feminina, tal como se depreende de “Feminilidade”, derivaria da não aceitação da ‘castração’, concebida como ausência de pênis. A essa descrição Freud acrescenta que as relações homossexuais femininas comportam, além do padrão derivado do modelo heterossexual, a adoção dos papéis de mãe e filha, tida como decorrência da “fase pré-edipiana” da menina.

Fogem a essas descrições tanto as modalidades de homossexualidade feminina não caracterizadas pela masculinização nem pela maternidade, como as formas de homossexualidade masculina caracterizadas pela feminilização.

Ou seja, a mulher de orientação homossexual não “masculinizada” nem “materna” e o homem homossexual com características femininas, na medida em que não se enquadram no âmbito da fantasia fálica, permanecem refratários à teorização freudiana.

Nos *Três Ensaios...* Freud havia desenvolvido a hipótese de que a feminilização do homem corresponderia à identificação com o objeto materno perdido, mas não retoma essa idéia para pensar a respectiva compatibilidade com a fantasia que outorga ao pênis a condição valorizada de falo. Efetivamente, trata-se de duas concepções irreconciliáveis.

Tais limitações para teorizar a homossexualidade decorrem inevitavelmente do postulado relativo à valorização do pênis enquanto crença universal (a crença fálica)⁹, que a partir de sua origem infantil permaneceria atuante tanto no psiquismo feminino como masculino.

O caso dos homens que abdicam da condição masculina para assumir as características que em sua cultura são consideradas femininas permanece incompreensível, visto implicar na renúncia ao atributo da masculinidade.

Correspondentemente, a homossexualidade feminina que não se configure como reivindicação da condição masculina ou como representação da fantasia da “mãe fálica” torna-se igualmente refratária à argumentação freudiana.

⁹ O termo *falo* designa o aspecto imaginário do pênis na fantasia infantil, que concebe a condição masculina adulta como privilegiada pois detentora do amor materno.

Por outro lado, as cirurgias de extirpação do pênis , das quais Freud não teria como estar informado visto não poderem ser praticadas em sua época, acrescentariam uma objeção particularmente forte à tese de que a “primazia do falo” constituiria uma fantasia universal.

Há mais uma obstáculo à tese da primazia do falo concebido através da representação da virilidade, desta vez na esfera da nosografia.

A desvalorização da condição feminina deveria ter por implicação a exclusividade ou pelo menos a acentuada predominância dos conflitos neuróticos e psicóticos¹⁰ nas mulheres, principalmente a depressão, pelo menos nos casos em que a “relação humana menos ambivalente”, ou seja, entre mãe e filho, não compensasse a mulher por sua “inferioridade genital”.

Além disso, a suposição de que o superego feminino seria bem menos severo tornaria inaplicável a tese de que a depressão se caracteriza pela “crueldade superegógica”. Ou bem a depressão não exige a presença de um “superego cruel” ou “intolerante”, ou bem a tese de que o superego feminino é bem mais indulgente imunizaria a mulher da desvalorização inerente à depressão.

Ou seja, se a inveja do pênis (conseqüência da fantasia fálica) implica na desvalorização do feminino, se simultaneamente a teoria afirma que a auto-imagem (expressa pela auto-aceitação ou, ao contrário, pela auto-crítica exacerbada) depende da estrutura superegógica, e se o superego da mulher é descrito como especialmente leniente... não é difícil perceber que, ao articular esses argumentos, chega-se necessariamente a um impasse.

Não surpreende que Freud se some às fileiras dos que se queixam do enigma feminino... ele mesmo parece ter contribuído para alimentar a idéia.

Ainda que eventualmente estudos estatísticos confiáveis pudessem indicar a incidência maior da depressão em mulheres, a experiência clínica torna particularmente difícil sustentar a tese de que a depressão seja tipicamente feminina ou que a frigidez ocorra mais freqüentemente do que a impotência, ou ainda, de maneira mais geral, que as mulheres tenderiam à insatisfação em relação à sua condição enquanto correspondentemente a valorização da virilidade faria com que no homem prevalecessem as conseqüências de uma auto-imagem positiva.

Se essas críticas forem plausíveis, a suposição de que as fantasias desenvolvidas pela criança em relação aos gêneros marcaria para o resto da vida a atitude perante a sexualidade e a imagem corporal, refletindo-se na auto-estima, se defronta com objeções dificilmente superáveis.

¹⁰ (Ou narcísicos, no sentido nosográfico).

Coloca-se então a questão de saber se ‘inveja do pênis’ e ‘medo à castração’ podem ser consideradas fantasias universais. Caso a resposta for negativa, o que restaria da suposição de que haveria um Édipo para cada gênero?

9

Em acréscimo, caberia discutir se de fato a função do Édipo é explicar a construção da identidade de gênero ou se o que está em jogo é algo de outra natureza, face ao que a escolha erótica se apresentaria apenas como um caso particular da questão bem mais abrangente relativa à constituição do sujeito e a concomitante teorização do desejo, para além do seu aspecto sexual.

As expectativas inconscientes e a identificação

Mais de uma vez Freud considerou justificável o recurso à “patologia”¹¹, ao exagerar (e assim expor mais facilmente) aquilo que as condições e situações comuns geralmente ocultam.

Talvez no caso da universalidade da crença fálica concebida como hierarquização dos gêneros Freud tenha generalizado a partir de certo tipo de material clínico — desconsiderando, por outro lado, evidências em contrário. Não é incomum que os pacientes, em algum momento da análise, mencionem conflitos com sua identidade de gênero e/ou orientação sexual. Bastaria referir as queixas das mulheres com a condição feminina à “inveja do pênis” e as dos homens com a masculina ao “complexo de castração” para obter o que poderia passar como uma confirmação da persistência e universalidade das fantasias infantis.

Um quadro diferente emerge quando se pensa o imaginário infantil a partir da perspectiva do sentido. O sentido, derivado da linguagem, é inerentemente singular. Portanto, torna-se refratário à generalização, mesmo quando a generalização parece muito plausível — como a suposição de que os psiquismos feminino e masculino deveriam ser tão diferentes como a anatomia dos órgãos reprodutivos e os hormônios.

Segundo esse raciocínio, subordinado ao critério biológico, haveria fantasias femininas e fantasias masculinas, *“conseqüências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos”*.

As fantasias originárias e as teorias sexuais infantis que, com exceção da sedução, não foram interpretadas teoricamente por Freud, apontam para uma região semântica que em princípio não diferencia a menina do menino. Trata-se da recusa do terceiro, que a partir da década de 20 corresponde à figura do pai. Concomitantemente, a mãe se afigura como principal objeto de amor, o “par ideal”, tanto para a menina como para o menino.

¹¹ Conflito seria um termo mais adequado, mas é preciso levar em conta a persistente influência exercida pela formação médica sobre o criador da psicanálise.

Essa “empirização” é problemática em virtude de seu caráter generalizante. Nem todas as crianças deparam com uma figura masculina no desempenho de uma função restritiva, ou uma figura feminina enquanto representação do amor incondicional, quer em virtude das peculiaridades que distinguem as configurações familiares, quer por terem sido criadas em instituições¹², quer por pertencerem a famílias estruturadas de acordo com modelos diferentes dos da cultura ocidental.

A experiência mais comum, a experiência quotidiana, mostra que o papel educativo pode ser desempenhado pela mãe, ou outra figura feminina, e não somente em casos de viuvez ou separação; não é raro tampouco que figuras masculinas tenham mais dificuldades em colocar limites, seja a um dos filhos em particular ou de maneira geral.

Desse ponto de vista, torna-se questionável a associação entre poder e masculinidade bem como ausência de poder e feminilidade. Similarmente duvidosa é a generalização que faz do feminino a representação do amor incondicional e define o masculino como agenciador da imposição de regras e limites.

Tampouco o que seria considerado como fundamento da valorização do pênis, (mais do que a sua “visibilidade” e “facilidade de manipulação”)¹³, ou seja, a suposição de que o poder na família é posse exclusiva da figura masculina, está longe de poder aspirar à universalidade.

Provavelmente Freud confundiu as regras e os costumes que determinavam os “lugares sociais” previstos para homens e mulheres na sociedade em que viveu com o aspecto subjetivo presente em cada relacionamento amoroso, única questão que, em relação ao tema em questão, deveria interessar à psicanálise.

Desse ponto de vista, os sentimentos e emoções de cônjuges, namorados e amantes, específicos de cada vivência afetiva, independem do que a moral oficial e os valores sociais predominantes preconizam.

O que não desvaloriza os resultados da incursão freudiana em terreno tão propício a descaminhos e extravios. A descrição de Freud, controversa, incompleta, eivada dos preconceitos vigentes na época, mesmo assim constitui a aferição inaugural (e nesse sentido fundamental) de uma situação cuja compreensão se furta a generalizações.

As questões que as fantasias originárias e teorias sexuais infantis permitem vislumbrar pertencem a um âmbito muito mais abstrato, que escapa às explicações de índole empírica, quer biológica ou cultural.

¹² Os orfanatos são comumente dirigidos por freiras e as creches quase sempre por assistentes sociais, atendentes, psicólogas, professoras, enfim, profissionais de sexo feminino.

¹³ Características utilizadas para explicar a valorização do pênis pela criança em “As teorias sexuais infantis”.

O Édipo estrutural

11 A aquisição da linguagem depõe a criança no território da falta (desejo). A aquisição de linguagem é concomitante à constituição do eu, mas nesse momento inicial do Édipo a criança não internalizou as regras, ou seja, ainda não ocorreu a divisão que promoverá o aparecimento do supereu (superego). O superego se define pelo reconhecimento do desejo do outro, ou seja, o reconhecimento do desejo de quem ocupa a posição de objeto... do próprio desejo.

O início do Édipo, decorrente da aquisição da linguagem, coloca a criança na posição de sujeito absoluto, expressa primeiramente pela rejeição às normas e limites. Essa rejeição constitui a recusa da falta inerente ao desejo. A posição de sujeito, em sua manifestação inicial, se caracteriza pelo não reconhecimento do desejo do outro.

Na imensa maioria dos casos, essa atitude encontrará oposição por parte dos adultos, de outras crianças e das circunstâncias. Quem quer e o que quer que a cada momento represente o obstáculo é menos importante do que a existência do próprio obstáculo.

O embate dá-se entre a não aceitação de limites e o seu progressivo reconhecimento.

No entanto, não é essa concepção de realidade (imposta pelas experiências, ou seja, pelo externo) que explica a estruturação do superego.

Aqui, a noção de identificação mostra-se novamente imprescindível, desde que depurada das simplificações que prejudicam a sua primeira definição.

A definição que apresenta a identificação como processo de assemelhar-se a modelos oferecidos por adultos pode ser vantajosamente substituída pela descrição que faz da identificação o mecanismo graças ao qual se dá a construção de uma forma singular de relação com a falta.

Nesse caso, o termo *identificação* designa a construção de um discurso desejante a partir dos lugares dispostos pelas *expectativas inconscientes* presentes nos adultos para os quais a criança constitui a realização de um projeto particular de vida (maternidade e paternidade, biológica ou não).

Algo a que Freud aludiu através das expressões “narcisismo parental” e “His Majesty, the baby”.

A distribuição do poder na família ou instituição eventualmente poderia facilitar a associação estreita entre a representação do poder ou sua ausência com essa ou aquela pessoa. Em determinado código familiar o masculino será valorizado a expensas do feminino, ou o oposto. Tampouco é improvável que ambos sejam valorizados ou desvalorizados simultaneamente. Mais plausível é que a valorização desigual dos gêneros se expresse diferencialmente em relação a cada um dos inúmeros aspectos presentes nas vivências e experiências humanas, algo que os

esquemas generalizantes parecem incapazes de captar a não ser mediante simplificações de alcance heurístico limitado.

12 A compreensão da construção da identidade sexual (que é apenas um caso particular da constituição da identidade desejante) não tem como ser desvinculada das expectativas inconscientes subjacentes ao nascimento. Cada criança, ainda que pertença à mesma família, ainda que tenha os mesmos pais, ainda que gêmea, será objeto de expectativas inconscientes únicas.

Em termos concretos, as situações são bem mais complexas do que aquilo que é suposto pelas descrições esquemáticas (“mãe/feminino & amor incondicional, homem/masculino & agente educativo”). Assim, a predominância de expectativas inconscientes de desvalorização em relação a esse ou aquele gênero no caso particular desse ou daquele bebê poderá ser determinante para entender porque uma mulher imaginará (parcial ou constantemente) que seria mais feliz se fosse homem e um homem imaginará (parcial ou constantemente) que seria mais feliz se fosse mulher, quer essa crença se expresse ou não pela homossexualidade.

Tanto a peculiaridade das configurações familiares em uma mesma sociedade como a própria diversidade das culturas são de molde a inviabilizar as descrições esquemáticas, sempre generalizantes.

Sob certos aspectos e em relação a determinadas crianças a mãe terá uma influência maior; em outros e outras esse papel seria desempenhado pelo pai, ou ainda por avôs, tios, irmãos e amigos, que dessa forma poderiam eventualmente participar em algum grau da formação da personalidade.

Mutatis mutandis o mesmo acontecerá em orfanatos e creches, casos ainda mais refratários à teoria psicanalítica clássica, já que a predominância de figuras femininas nessas instituições é quase absoluta.

A noção de expectativas inconscientes enquanto fator determinante para compreender o processo de identificação, substituindo a idéia de “modelos”, permitiria entender porque uma criança criada num meio exclusivamente feminino pode formar uma identidade predominantemente masculina (quer se trate de um menino ou de uma menina). Similarmente, deixará de ser um mistério a constituição da identidade homossexual numa criança cuja infância transcorra no âmbito de uma família em que o comportamento dos adultos se caracterize pela heterossexualidade mais convencional. Reciprocamente, não há porque supor que uma criança adotada por um casal homossexual vá necessariamente construir sua identidade sexual com base na orientação sexual dos adultos com quem convive.

Uma diferença fundamental entre as duas concepções consiste em que a noção de “modelo” remete à consciência, visto implicar em algo relativo a “imitação”, “cópia”, “reprodução”, enquanto a expressão “expectativas inconscientes” refere o caráter inconsciente do processo em seus dois pólos, o do adulto e o da criança cuja identidade se encontra em construção.

A noção de “identificação a expectativas inconscientes” respeita a singularidade das fantasias que promovem o nascimento de cada criança e diferencia a concretude relacionada ao observável (modelos, educação repressiva ou permissiva) da dimensão inapreensível onde reside a estrutura desejante. Essa região tão ignota como inacessível configura o lugar que é outorgado a cada criança por aquilo que é inconsciente no discurso dos que a trouxeram à existência.

Como as expectativas inconscientes são singulares e se expressam em cada caso pela especificidade inerente ao discurso que promoveu o nascimento, é possível defender a hipótese de que o processo de constituição da identidade permanece tão independente de determinantes biológicos (anatomia e fisiologia sexuais) como de determinantes culturais, quer no que se refere à construção do desejo sexual quer em relação a qualquer outro aspecto da personalidade – asserção válida igualmente para ambos os discursos, inconsciente e consciente.

Perspectivas e impasses de “Feminilidade”

No início do mesmo texto em que define a feminilidade a partir da “inveja do pênis”, Freud havia criticado a associação entre masculinidade e atividade, feminilidade e passividade.

Há diferenças evidentes entre as primeiras elaborações da Conferência XXXIII e o respectivo final, que não se devem apenas aos comentários sobre o contraste entre a similaridade das fases oral e anal¹⁴, de um lado e a diferenciação promovida pela fase fálica, de outro.

O encerramento de “Feminilidade” reflete a contaminação da teoria pelo material investigado, as fantasias edipianas.

Exemplo privilegiado das perspectivas contraditórias utilizadas por Freud é um pequeno arrazoado extremamente significativo, cujas implicações escaparam à atenção dos comentadores e até do próprio autor.

“Existe apenas uma libido, que tanto serve às funções sexuais masculinas como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo. Se, consoante a convencional equação ‘atividade e masculinidade’, nos inclinamos a qualificá-la como masculina, devemos não esquecer que ela também engloba tendências com uma finalidade passiva. Mesmo assim, a justaposição “libido feminina” não tem qualquer justificação”¹⁵.

¹⁴ Em que Freud assinala a inexistência de qualquer diferença entre crianças de sexo feminino e masculino.

¹⁵ Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Conferências Introdutórias à Psicanálise [1932/33], vol. XXII, p. 161, editora Imago, Rio de Janeiro 1976

As conseqüências desse comentário são consideráveis. A primeira e mais evidente é que ao afirmar a tese de uma libido única, nem masculina nem feminina, Freud está desautorizando todos os seus raciocínios anteriores e posteriores acerca das “conseqüências psíquicas” decorrentes das “diferenças anatômicas”.

14

A noção de libido está relacionada a desejo (“Wunsch”). A significação da frase “À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo” bem como seu complemento, “...não devemos esquecer que ela [a libido] também engloba tendências com uma finalidade passiva” é que não há manifestações sexuais tipicamente masculinas nem femininas. De acordo com essa constatação, não se poderia atribuir aos fatores biológicos, quer anatômicos ou fisiológicos (hormonais), qualquer influência em relação à sexualidade.

Se o fator biológico (pênis ou vagina, testosterona ou progesterona) não se traduz por tendências libidinais específicas, como então sustentar a afirmação de que as fantasias edípicas se dividiriam em “inveja do pênis” e “medo à castração”?

Útero, gônadas, vagina, pênis são termos que designam realidades anatômicas. O seu papel na reprodução é mais do que conhecido mas, em termos psíquicos, não possuem qualquer grau de determinação em relação às fantasias subjacentes ao desejo sexual. Freud descreveu a fantasia feminina de maternidade mediante a equação pênis = bebê, mas não se pronunciou sobre as fantasias masculinas de paternidade (a não ser de maneira genérica, através do conceito de narcisismo, que também se aplicaria à maternidade).

A noção de uma libido única coloca em cheque também essa suposição tão característica da concepção psicanalítica acerca da feminilidade. De acordo com a tese da indiferenciação da libido, não haveria como recorrer a qualquer tipo de generalização que afirmasse a existência de fantasias tipicamente femininas ou tipicamente masculinas. Assim, as fantasias geradoras (sem trocadilho) de maternidade seriam tão singulares e imprevisíveis como as fantasias geradoras de paternidade. A suposição de que toda práxis se deveria a fantasias inconscientes vale tanto para a mulher como para o homem — ou seja, também para a maternidade e para a paternidade que, em cada caso particular¹⁶, derivariam do sentido.

A abordagem freudiana da bissexualidade inclui o famoso comentário de que quando uma mulher e um homem se relacionam sexualmente há quatro pessoas envolvidas — incluindo o lado feminino do homem e o masculino da mulher¹⁷.

Trata-se de uma antecipação de três décadas em relação à afirmação de que “a libido não tem sexo”.

¹⁶ Ou seja, em cada gestação, nascimento ou adoção.

¹⁷ “*Eu me habituei a considerar cada ato sexual como um acontecimento entre quatro pessoas*”. Da correspondência com W. Fliess (1887-1904).

Em última análise, o conceito de “libido agênérica” é o fundamento da tese da bissexualidade originária. Levado até as últimas conseqüências, o conceito em questão refere menos à escolha de objeto sexual (hetero, homo) do que à singularidade que caracteriza as fantasias subjacentes às expectativas de prazer/desprazer.

Ou seja, o conceito de bi-sexualidade primeiramente questiona a fixidez da noção de objeto sexual e, na seqüência, excede o que habitualmente se define como “sexual”, inaugurando a concepção de que a sexualidade se insere no âmbito mais vasto do princípio do prazer/desprazer, abrangendo a atração e a repulsão provocados por qualquer objeto (situação) em que a libido for investida, bem como a própria multiplicidade dos investimentos libidinais.

O princípio do prazer/desprazer estende-se a toda e qualquer relação de objeto, fazendo de toda demanda (de atração ou repulsa) a metáfora (ou seja, a concretização) do discurso desejante.

Tese que, de resto, quando aplicada ao âmbito da sexualidade (no sentido habitual do termo), parece confirmada pelas evidências mais elementares. Transportando o enfoque utilizado para compreender a homossexualidade feminina em “Feminilidade” para as modalidades de homossexualidade masculina em que o sujeito se mostra identificado à mulher, o postulado da universalidade da primazia do falo (enquanto representado pelo pênis) torna-se insustentável.

Por outro lado, o casal homossexual feminino que Freud caracteriza pela repetição das relações “mãe-filha” não tem porque ser considerado como derivado do período “pré-edipiano”, a menos que se revogue a tese segundo a qual o processo de constituição do sujeito, que ocorre durante a fase fálica e a situação edipiana, é responsável pelo encerramento do período auto-erótico e a conseqüente inauguração da relação com o outro, a partir da posição desejante.

Mesmo porque fantasias homossexuais masculinas também podem veicular a forma correspondente (pai-filho), sem que se possa entender de que maneira a qualificação “fase pré-edipiana” poderia ser aplicada nesse caso.

Correspondentemente, se a histeria feminina for pensada como decorrência da inveja do pênis, o que dizer da histeria masculina? Outra dificuldade referente à tese da universalidade da valorização fálica está relacionada à impotência masculina, que seria interpretada então como medo à castração. Entretanto, Freud considera que o principal efeito do medo à castração seria a homossexualidade masculina.

(Um encaminhamento para o impasse proporia a existência de um elo entre a impotência na relação heterossexual e a homossexualidade, mas tanto o desenvolvimento como a generalização dessa hipótese são tudo menos tarefas simples. Não são raras as fantasias subjacentes à impotência que apontam para o significado materno da figura feminina desejada, ou que repousam na suposição de que o ato sexual é uma agressão praticada pelo homem).

Uma das mais importantes contribuições de Lacan foi a diferenciação entre pênis e falo, distinção que já havia sido feita por Freud, sobretudo nos primeiros textos em que examina a fantasia da primazia fálica na infância, mas perdida subseqüentemente quando a teoria formulou a hipótese da “inferioridade genital” feminina.

A conceituação lacaniana de falo é consentânea com sua reinterpretação da fantasia de castração. Na terminologia lacaniana, ‘castração’ significa separação entre a criança e a figura materna, operada pelo representante da função paterna, que liberta assim o *infans* (não falante) do papel fálico derivado da função de preencher a falta (o desejo) da figura materna.

Nesse caso, falo corresponderia ao terreno do imaginário e sua significação seria equivalente a “completude” (desejo de não desejar).

Mas a “significação do falo”¹⁸ não ficou restrita à completude. Surpreendentemente, a terminologia lacaniana voltou a usar o vocábulo para designar o atributo viril como símbolo de poder e explicação da eficácia no desempenho da função paterna. A fantasia da mãe fálica, sustentáculo da relação dual, seria objeto da intervenção a cargo do pai castrador ... que Lacan e a literatura lacaniana descrevem mediante a posse do atributo fálico. A distinção entre pênis e falo foi revogada e o órgão anatômico, ou pelo menos a função paterna, novamente associada à condição viril, adquiriu o privilégio antes outorgado à mãe fálica.

Como acontecera com Freud, a argumentação lacaniana perdeu a distinção entre a fantasia infantil (que freqüentemente atribuiria o poder fálico ao pai, incumbido de efetuar a “castração”) e o que a própria teoria teria a dizer a esse respeito.

Posteriormente, Lacan reafirma a distinção entre masculino e feminino, mediante os matemas da sexualização, em que o masculino é apresentado como universalmente submetido à castração, paradoxalmente por via da exceção constituída pelo “pai da horda primitiva”, enquanto a mulher é caracterizada como “não toda” submetida à “ordem fálica”, “já que”¹⁹ isenta da condição da universalidade (não existiria A Mulher). (A primeira tradução dessa afirmação aparentemente esdrúxula corresponde à idéia de que não haveria em relação ao feminino qualquer exceção equivalente à do pai da horda primitiva).

Assim, se o “pai da horda primitiva” é o “castrador universal” da descendência masculina, a mulher, sem poder contar com essa figura, escaparia à universalidade.

Esse conjunto de teses é de difícil compreensão, para dizer o mínimo, e tampouco há qualquer preocupação em justificá-las. Particularmente chamativo é o

¹⁸ Título de um conhecido texto lacaniano da década de 50.

¹⁹ Entre aspas para assinalar que a explicação em questão é tudo menos inequívoca.

tratamento literal dado por Lacan ao que o próprio Freud entendeu como uma ficção teórica que ele mesmo havia criado, o mito da “horda primitiva”.

(Lévi-Strauss considera em “As estruturas Elementares do Parentesco” (1949) que esse mito freudiano é interpretável como metáfora do surgimento da lei, decorrente por sua vez da linguagem, instaurando assim a diferença entre natureza e cultura através da regra universal da proibição do incesto. Lévi-Strauss não diferencia homens e mulheres em relação à Lei, já que ambos estão integrados à sua noção de sociedade).

Uma maneira de interpretar o “não-toda submetida à ordem fálica” é relacionar essa expressão com a “castração” entendida literalmente, de acordo com as três alternativas supostas por Freud em relação à mulher, segundo a Conferência XXXIII (Feminilidade). Se essa interpretação for plausível, Lacan teria coonestado, nos matemas da sexuação, e mediante um arrazoado digno de sua sofisticação e hermetismo, a concepção do feminino elaborada por Freud a partir da “inveja do pênis”.

Ou seja, o pai “castra” o filho mas não precisa fazê-lo em relação à filha, “já castrada”, a quem promete a futura indenização da maternidade ou a outorga do seu emblema fálico diretamente, por ‘identificação’²⁰. A terceira alternativa, a recusa da vida sexual, se expressaria pela histeria.

De qualquer maneira, é evidente que nas fórmulas da sexuação, “castração” não significa mais “separação”, ou seja, passagem da condição de objeto fálico para a posição de sujeito. Essa interpretação, que havia sido proposta heurísticamente pelo próprio Lacan, é deixada de lado e o termo “castração” passa a ser empregado literalmente. Repetindo o que havia acontecido com Freud, a teoria é novamente contaminada pelo “material” examinado, e (coincidentemente ou não), no mesmo terreno: o estudo da feminilidade²¹.

Mas (ou por causa de?) Lacan afirma simultaneamente que somente as mulheres teriam acesso ao gozo, definido como fálico. Como entender essa nova asserção? Talvez no sentido de que mulher goza enquanto “objeto fálico”, tendo sido elevada a essa condição pelo desejo masculino. A mulher estaria, perante o homem, na mesma condição que o bebê desfruta face à mãe — ou seja, enquanto “complemento fálico” da figura desejante.

Supondo-se a plausibilidade dessa interpretação, trata-se de uma dupla reiteração das conhecidas teses freudianas, tanto a respeito do valor fálico outorgado ao bebê como em relação à metaforização da mãe pela mulher na fantasia

²⁰ De acordo com a primeira definição desse conceito.

²¹ Dir-se-ia, portanto, que a mulher sempre induz ao engano, seduz, despista... até mesmo no terreno teórico...

heterossexual masculina. Os papéis desejante e fálico estabelecidos na relação mãe-filho se inverteriam então na relação homem-mulher.

Seja qual for a validade que puder ser conferida a essas teses²², constata-se que Lacan conesta a irreduzibilidade da diferença entre homens e mulheres, algo que somente poderia ser justificado pelo critério biológico. O psicanalista francês parece retomar a seu modo o arrazoado freudiano acerca das “conseqüências psíquicas” da “diferença anatômica entre os sexos”.

Outro indício da diferença irreduzível entre os gêneros está relacionada à afirmação que proclama a inexistência d'A Mulher (como categoria). A implicação é que então existiria O Homem? A julgar pela afirmação de que todos os homens estão submetidos à castração, à exceção do “pai da horda primitiva”, a resposta deveria ser afirmativa. Em todo caso, não há nada explícito a esse respeito na argumentação lacaniana.

A estranha declaração (“A Mulher não existe) parece significar que a singularidade seria uma característica essencialmente feminina (a singularidade em relação ao desejo sexual), mas essa implicação tampouco é mencionada. Caso fosse, caberia um questionamento semelhante: o homem, além de ter vedado o acesso ao gozo, tampouco compartilharia da singularidade ou justamente por ter vedado o acesso ao gozo perderia o acesso à singularidade?

De certa forma, seria uma asserção não tão distante das conhecidas anedotas acerca da diferença entre homens e mulheres face ao amor (no âmbito da heterossexualidade).

Embora em nenhum momento Lacan mencione o biológico para justificar essas hipóteses, tanto a distinção entre as identidades feminina e masculina como a suposição de que a respectiva forma de prazer (gozo) seria diferente, demonstram que em sua concepção a mulher e o homem são regidos por lógicas desiguais (ou mesmo opostas).

Não há como deixar de constatar que esses raciocínios situam-se nos antípodas da afirmação freudiana sobre a impossibilidade de vincular libido e gênero.

Os matemas da sexuação, por controversos que sejam, são coerentes com a descrição lacaniana do Édipo. Também em relação ao triângulo amoroso inaugural os papéis do feminino e do masculino estão claramente diferenciados, mesmo que nos seminários e escritos os vocábulos “mãe” e “pai” quase sempre compareçam representados pelas expressões “função materna” e “função paterna”. Essa atenuação fica a meio caminho entre o empirismo e uma concepção estrutural, que Lacan não chega a desenvolver até as últimas conseqüências.

²² Lacan e os lacanianos consideram que não é necessário entendê-las. Ou melhor, que é necessário não entendê-las para melhor aplicá-las...

O que é confirmado pelas famosas equações em que o primeiro significante corresponde ao “desejo da mãe” e o segundo refere a “metáfora paterna” e/ou o “Nome-do-Pai”.

Os obstáculos à concepção estrutural do Édipo

Talvez o maior obstáculo a uma concepção estrutural do Édipo consista na persistência do recurso à biologia, quase sempre associado por vias não explícitas, mas nem por isso menos presentes, ao fator cultural.

A história da psicanálise retrata a lenta e quase assintótica construção de uma conceituação não biológica e não cultural de seu objeto, o inconsciente, bem como o “eterno retorno” dos fatores expurgados.

Essa lógica de minueto, “dois passos à frente e um para trás”, pareceria ter atingido o limiar da irreversibilidade a partir da conhecida fórmula epistemológica lacaniana. A postulação de que o inconsciente é consubstancial à linguagem e não está subordinado à biologia e à cultura liberta a psicanálise de suseranias contraditórias e incompatíveis com os achados da ciência dos sonhos.

Entretanto, se Lacan buscou construir uma teoria do Édipo isenta do empirismo que Freud não pôde evitar dado o solo epistemológico que presidiu tanto sua formação como seus anos de produção teórica, não há como deixar de constatar que a manutenção da divisão de gêneros, tanto em relação às figuras parentais como no que se refere aos protagonistas infantis, assinala o “passo atrás” que se faz presente também na teorização lacaniana.

Conceitos como estádio do espelho, *infans* e o reconhecimento da importância da linguagem são marcos significativos na substituição de uma concepção evolutiva, associada ao desenvolvimento da libido, por outra, estrutural, representada pela teoria da constituição do sujeito.

Prefigurada por Freud nos estudos sobre o auto-erotismo e o narcisismo, a teoria da constituição do sujeito engloba a temática edipiana e permite entender a transição da etapa auto-erótica e “perverso-polimorfa” da sexualidade infantil (oralidade e analidade) para a fase fálica, caracterizada pela emergência da relação com o outro e a construção da identidade sexual.

Entretanto, a persistência da subordinação do Édipo à problemática de gênero, bem como as respectivas decorrências, isto é, a diferenciação entre os papéis desempenhados por mãe e pai (ou “função materna” e “função paterna”), permitem o retorno da contaminação biológico/cultural.

Para que a teoria da constituição do sujeito possa ser pensada coerentemente de acordo com a tese da consubstancialidade entre inconsciente e linguagem torna-se imprescindível levar em consideração quadros nosográficos como o autismo e a

esquizofrenia infantil, bem como estudar o processo de aquisição da língua materna pormenorizadamente, diferenciando a fase comunicativa iniciada com o estágio do espelho (segunda metade do primeiro ano de vida) da aquisição da linguagem propriamente dita, concomitante à emergência da posição de sujeito, que coincide com a fase fálica e a situação edipiana.

Autismo e esquizofrenia infantil, bem como a aquisição da linguagem, constituem aspectos essenciais para compreender de um lado o bloqueio do desenvolvimento e de outro a respectiva superação, durante o processo de construção da identidade. O aspecto cronológico e o desenvolvimento orgânico não desempenham aí qualquer papel. Não é irrelevante lembrar que tanto o desenvolvimento como as dificuldades são totalmente independentes do sexo da criança.

Autismo e esquizofrenia infantil podem incidir sobre bebês de ambos os sexos, e a aquisição de linguagem, obviamente, tampouco revela qualquer diferença entre ambos. A menor ou maior rapidez de aquisição é singular e não tem qualquer relação com a “diferença anatômica”.

Freud já havia assinalado essa característica ao referir-se à indiferenciação entre os gêneros durante as fases oral e anal, mas sucumbiu ao imaginário pessoal e ao peso da influência cultural quando entendeu necessário descrever diferencialmente a estruturação da feminilidade e da masculinidade.

Independentemente da crítica baseada em considerações éticas à hierarquização proposta nos textos freudianos entre masculinidade e feminilidade, a própria nosografia demonstra suficientemente que tanto os conflitos que se manifestam na infância como os da vida adulta atingem sem distinção ambos os sexos. O mesmo pode ser dito em relação à capacidade de sublimação (criatividade).

A nosografia e a capacidade criativa questionam a tese de que a construção do psiquismo está subordinada ao gênero, suposição que se apóia nos fatores biológico e cultural²³.

A predominância de mulheres entre os pacientes que compareciam a Bergasse 19 não indica uma incidência maior de conflitos no feminino. Devem-se muito mais provavelmente aos valores culturais que associam feminilidade e fragilidade (sensibilidade exacerbada, desequilíbrio emocional), razões que igualmente explicam o maior comparecimento de mulheres a consultórios médicos. Presentes ainda em

²³ O termo “sexo” refere as características anatômicas do aparelho reprodutivo, dividindo os seres humanos em mulheres e homens (mesmo que em certos casos, as condições hormonais ou anatômicas possam escapar à diferenciação nítida, dando lugar à suposição de algum grau de hermafroditismo); “gênero” corresponde à divisão de papéis que cada sociedade estipula para homens e mulheres, referentes a valores, atividades, atitudes e comportamentos, resultando na adoção de uma nova divisão, desta vez convencional, determinando o que seria próprio do feminino e do masculino.

nossos dias, esses estereótipos dominavam amplamente a concepção de feminilidade na sociedade europeia do século XIX. Similarmente, as severas restrições impostas não somente pelos preconceitos como pelas próprias leis vigentes explicam suficientemente o número reduzido de mulheres entre os cientistas e artistas da época. (Mesmo assim, Marie Curie foi a primeira pessoa a receber por duas vezes o prêmio Nobel).

Não seria Freud quem deixasse de perceber a influência desses fatores, o que não impediu que eles pesassem decisivamente nos parágrafos finais de “Feminilidade”. O imaginário pessoal, bem como a literalização e a generalização de certas fantasias infantis, somados aos preconceitos onipresentes na Viena finisecular, ajudam a compreender os impropérios misóginos cujo desfile encerra o texto não precisamente com chave de ouro.

O exame das razões subjetivas de Freud bem como dos determinantes culturais, bastante conhecidos, aliás, é menos importante do que a compreensão do aspecto teórico relacionado a essa questão. Não há qualquer acesso às primeiras (nem seria o caso de perscrutá-las) e os segundos já foram suficientemente discutidos. Diferentemente, permanece em aberto a questão de se as fantasias e teorias sexuais infantis efetivamente justificam conceitos como “medo à castração” e “inveja do pênis”.

Uma teoria da constituição do sujeito centrada nos efeitos produzidos pela linguagem pode permitir uma interpretação do imaginário infantil não subordinada à literalidade das fantasias, abrindo caminho para a compreensão do respectivo sentido.

Desse ponto de vista, a teoria sexual infantil relacionada à universalidade do falo denotaria não a valorização da virilidade mas constituiria a metáfora constitutiva do primeiro momento relacionado ao Édipo, quando o desejo, conseqüente à aquisição de linguagem, se expressaria pela exigência de que a posição de sujeito pudesse evitar o preço da falta. Assim, constrói-se uma crença na existência de um amuleto, atributo mágico, emblema²⁴, que poderia dar acesso total e imediato ao seu objeto.

Independentemente do sexo das crianças.

Eventualmente, as restrições desiguais impostas a ambos os sexos podem favorecer na menina a emergência de um “protesto masculino”, que poderia ser interpretado como “inveja do pênis”. Ainda assim, trata-se de uma questão restrita às peculiaridades de determinadas formas de educação, que não teria como ser generalizada a ponto de constituir a própria pedra de toque para definir o feminino.

Por mais comum que fosse a rigidez maior nas normas impostas ao comportamento da menina, mesmo assim essa situação não excederia o âmbito

²⁴ Talvez fetiche, palavra derivada de “feitiço”, fosse o termo mais adequado, por indicar a diferença incomensurável entre um mero objeto, igual a tantos outros, e o seu poder único, sobrenatural.

puramente estatístico (quantitativo), ou seja, não atingiria a dimensão estrutural. Tanto em famílias cujas crianças fossem exclusivamente meninas (ou meninos), como em famílias com crianças de ambos os sexos, poderiam observar-se procedimentos educativos diferentes do supostamente canônico, ou variações significativas.

E, sobretudo, as restrições em questão não estão relacionadas necessariamente à desvalorização do feminino. Muitas vezes o que se entende como valorização (menor coerção) pode ser vivenciada como falta de proteção e vice-versa. A complexidade das situações familiares, que seriam função da singularidade que caracteriza as expectativas inconscientes dos adultos, torna extremamente difícil isolar este ou aquele aspecto da relação entre pais e filhos (adultos e crianças) e interpretar o quadro geral a partir de apenas um ou alguns elementos.

O elemento decisivo na determinação quer da valorização de um dos gêneros a expensas do outro, quer da mútua valorização, quer da mútua desvalorização (este último caso representando a dificuldade dos pais em relação à separação²⁵), dependerá do lugar que for dado a cada criança, incluindo a interpretação concedida à condição feminina ou masculina, no discurso (em sentido abrangente: atitudes, comportamento, normas) que traduz as expectativas inconscientes dos adultos responsáveis.

Uma justificativa mais plausível para a concepção freudiana seria equiparar a figura feminina (mãe) à representação do amor incondicional, o que explicaria a valorização do homem (ou seja, da masculinidade, representada pelo pênis/falo) enquanto detentor do objeto privilegiado, o amor materno.

Assim, a mãe (o feminino) metaforizaria por excelência o amor incondicional, enquanto o pai (o masculino) representaria a condição privilegiada daquele que possui o amor incondicional. A mulher ficaria situada na posição de objeto e o homem na de sujeito.

Por essa via, poder-se-ia compreender que o pênis (representação do masculino) fosse elevado à condição de falo, isto é, de instrumento que daria acesso ao bem máximo.

Essa concepção repousa na especialização e fixidez de papéis. O amor incondicional seria representado pelo feminino e a sua posse pelo masculino. Entretanto, como já foi comentado, nem todas as vivências familiares se configuram da maneira que poderia ser chamada clássica (mãe e pai presentes, cada um deles representando os papéis mencionados, como atores que recitassem identicamente o roteiro de uma peça escrita de uma vez por todas e para sempre).

²⁵ Primeiro sentido que Lacan atribuiu à fantasia de castração.

Além das variações presentes nas configurações familiares (pai ou mãe ausentes, por exemplo, e sem substitutos “à altura”)²⁶, há a questão das crianças institucionalizadas, e em acréscimo a das culturas cujas famílias se estruturam diferentemente da ocidental (os clãs, por exemplo).

23

É mais plausível supor que a criança na fase fálica (Édipo) se defronta tanto com os efeitos do amor incondicional, que se traduz pela dificuldade na colocação de limites ao seu desejo, como da atitude contrária, expressa mediante o processo educativo, tendente a promover a independência e o desenvolvimento. Ambos, amor incondicional e processo educativo, metaforizariam, sempre singularmente, as expectativas inconscientes relacionadas aos campos desejante e normativo.

É justamente para não ater-se ao estritamente observável nas relações entre adultos e crianças e evitar o conseqüente risco empirista (relacionado à definição da educação como processo consciente), que a análise das vivências familiares a partir do seu nível inconsciente, caracterizado pelas expressões “campo desejante” e “campo normativo”, poderia apresentar um ganho em compreensão.

Os protagonistas familiares e institucionais (mãe, pai, ou qualquer outra pessoa) representariam indistintamente o campo desejante e o campo normativo (podendo o mesmo agente atuar das duas maneiras e em diferentes graus).

Ou seja, não haveria porque supor o equivalente a uma “divisão de trabalho” conforme o sexo. Conseqüentemente, por mais comum que fosse a tendência da figura feminina à indulgência e da masculina à exigência, ambos poderiam desempenhar ambos os papéis, em relação a diferentes crianças e a diferentes aspectos.

Por outro lado, e não menos importante, a noção de *expectativas inconscientes* liberta a teoria da necessidade de exigir a presença física de pessoas de ambos os sexos para que a criança possa identificar-se com um dos modelos e eleger o outro como referência do objeto de desejo.

As noções de medo à castração e inveja do pênis poderiam representar um efeito possível relacionado ao ingresso da criança na linguagem, ou seja, na posição desejante, mas perderiam o estatuto de fantasias universais atestando a valorização da condição masculina. A explicação que a criança necessariamente constrói para explicar a frustração das suas expectativas afetivas (visto que nenhum objeto poderá suprir a condição humana da falta, instaurada pela linguagem) não obedece necessariamente à suposição de que a impossibilidade de “ter tudo o que se deseja” se deveria à condição feminina, quer como realidade (situação da menina) ou como ameaça (de “castração”, caso do menino).

²⁶ Tantos em termos do que seria o “amor incondicional” como em relação à “posse do bem privilegiado”, significação que a criança atribuiria à figura materna.

O ciúme infantil, mesmo na situação “clássica”, não se relaciona diretamente à esfera da identidade sexual. Ou seja, a criança, menino ou menina, poderia ver não somente no pai²⁷ o concorrente pelo amor da mãe, (sem que essa situação se defina por uma fase “pré-edipiana”, no caso da menina), mas também poderia expressar-se pela atitude reciprocamente oposta (pretensão de exclusividade face ao amor paterno e o correspondente ciúme, que situaria a mãe na posição da rival).

O conceito “fase pré-edipiana”, utilizado por Freud unicamente em relação à menina, e restrito à ligação desta com a mãe, pode abrir o caminho para vislumbrar dois momentos na situação edipiana, que valeriam tanto para a menina como para o menino.

O primeiro momento do Édipo não se caracterizaria pela rivalidade decorrente da construção da identidade sexual. A sua característica central seria o conflito entre o desejo de completude, expresso pela não aceitação de limites, e a atitude oposta.

Em outras palavras, os efeitos produzidos na criança pela posição designada como campo desejante (cujos protagonistas são os adultos) se caracterizam pela não aceitação de limites, enquanto o campo normativo representaria o outro pólo dessa situação.

O primeiro momento do Édipo não estaria relacionado à competição pelo progenitor do sexo oposto, conseqüente à identificação com o progenitor do mesmo sexo²⁸, mas refletiria o choque entre a aceitação de limites (campo normativo) e a não aceitação (campo desejante).

Ou seja, no início da fase fálica, o discurso do pequeno Édipo traduziria o efeito do conflito presente nos adultos, expresso pelas respectivas expectativas inconscientes, que revelam a dificuldade em relação à separação, ou seja, ao desenvolvimento da criança.

A predominância da fantasia fálica designaria então o choque entre a completude e a falta, e não a diferença entre masculino e feminino. Freud deparou com uma das fantasias mais comuns a esse respeito, ou seja, a que atribui à figura masculina a condição de escapar à falta mediante a posse do “bem máximo”, concebido como o amor materno. A figura masculina adulta apareceria aos olhos da criança como privilegiada, representando imaginariamente a possibilidade de tornar-se sujeito sem o ônus da falta.

Entretanto, em contraposição à suposição da fixidez de papéis (mãe = amor incondicional, pai = condicionalidade) o amor incondicional poderia ser representado por qualquer pessoa, independentemente do sexo, e o mesmo aconteceria com a imposição de limites.

²⁷ E depois no progenitor do mesmo sexo.

²⁸ Segundo a primeira definição do conceito de identificação.

Quando a fantasia fálica, ou seja, a suposição de que poderia haver desejo sem falta (garantia de obter tudo o que é desejado) é revogada, inicia-se o processo de identificação com a condição de sujeito faltante, e, correspondentemente, com a condição sexuada. Esse seria o segundo momento do Édipo, concomitante à construção da identidade sexual, independentemente do tipo de objeto a ser escolhido.

A condição sexuada metaforiza, por excelência, a falta, visto que tem por implicação a existência do objeto de desejo, bem como a constatação de que esse objeto também é, por sua vez, desejante. No terreno da sexualidade (no sentido coloquial do termo) é onde se manifesta de forma mais intensa o “desejo de desejar o desejo do outro”, conforme a perspicaz fórmula lacaniana.

Em conseqüência, o sujeito deixa de ser absoluto, e torna-se igualmente desejante. Destitui-se da condição imaginária de possuidor absoluto do objeto que é igualmente destituído do atributo de objeto absoluto (ou seja, objeto da completude). Dá-se, em conseqüência, o ingresso na região da falta.

Freud atribuiu essa constatação, por parte da criança, à descoberta da diferença anatômica entre os sexos. Na seqüência, estabeleceu a respectiva hierarquia (posse do pênis ou “castração”). Entretanto, a constatação da falta é independente da descoberta da diferença anatômica entre os sexos. Ou melhor, a descoberta da diferença anatômica é que seria conseqüência da constatação da falta, não sua causa.

A criança acederia a essa percepção em decorrência do predomínio das expectativas inconscientes caracterizadas pela aceitação dos limites, que em última análise não seria senão o reconhecimento do desejo do outro.

Processo concomitante à emergência do superego, cuja significação central é precisamente essa: a aceitação de que o objeto de desejo é por sua vez desejante. Trata-se, enfim, da aceitação do outro²⁹, que constitui o cerne do que se chama “realidade”. Assim, a concepção de realidade da psicanálise divide-se em “realidade psíquica” (o desejo responsável pela emergência da posição de sujeito) e “realidade” propriamente dita (o reconhecimento de que o objeto de desejo, ou seja, o outro, é igualmente um desejante).

Não há lugar, portanto, em psicanálise, para uma concepção de realidade definida pelo mundo fenomenal, cuja existência seria testemunhada graças aos órgãos sensoriais.

²⁹ Escrito com minúscula, para diferenciá-lo do conceito lacaniano Outro, definido como campo desejante e campo normativo, ou seja, conjunto de expectativas inconscientes responsáveis tanto pela existência (nascimento), como pela dificuldade de separação (valor fálico do bebê) como pela possibilidade da separação.

A impossibilidade de aceder à linguagem, que através do discurso instaura o desejo próprio, teria por consequência a psicose infantil (esquizofrenia). A impossibilidade de sair do estado de indiferenciação em direção à posição de objeto (estádio do espelho), resultaria em autismo. A esquizofrenia infantil se manifesta no campo da comunicação, mas não da linguagem (ou seja, do discurso próprio). O autismo repousa na indiferenciação, logo ausência de comunicação. Entretanto, é preciso assinalar que é difícil encontrar esquizofrenia e autismo “puros”.

Mesmo quando o processo de constituição do sujeito se dá com o cumprimento de todas as etapas (espelho, ego, superego), o desejo de não desejar (pulsão de morte) persiste, podendo desencadear o surto psicótico na fase adulta. O surto psicótico representaria o “retorno do reprimido” não no sentido do recalque secundário (conflitos chamados neuróticos e perversos, que expressariam metaforicamente as representações recalçadas pela escala de valores associada ao ideal superegóico), mas no sentido do recalque primário (em que o recalcado é representado pelas posições de sujeito absoluto, de objeto ou pela indiferenciação).

Assim, a concepção psicanalítica da psicose repousa na suposição de que o recalque primário teria sido subvertido. Diferentemente, tanto a neurose como a perversão decorreriam, correspondentemente, das falhas (mas não da subversão) do recalque secundário. Ambos os conflitos retratam a dificuldade de aceitar a falta, mas as respectivas manifestações, bem como sua referência estrutural, são nitidamente distinguíveis.

Bibliografia

FREUD, SIGMUND – **A dissolução do complexo de Édipo** (1924). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XIX, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1976.

_____ — **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade** (1923) – Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XIX, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1976.

_____ — **Feminilidade** (1932/33). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume XXII, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1976.

_____ — **Sobre as teorias sexuais da criança** (1908). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, volume IX, Imago Editora Ltda, Rio de Janeiro, 1976.

LACAN, JACQUES. – **O seminário. Livro 20, Mais ainda** (1972/73). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (1982).

Édipo e Gênero

2008

Édipo e Gênero

2008